



FRANCISCO VALBERTO REGIS

**ESPAÇO E DISCURSO NA OBRA *NOSSO MUSSEQUE*,
DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA**

**REDENÇÃO - CE
2017**

FRANCISCO VALBERTO REGIS

ESPAÇO E DISCURSO NA OBRA NOSSO MUSSEQUE,
DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA

Artigo apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras (IHL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito final para aprovação na disciplina ministrada pela Profa. Dra. Cláudia Ramos Carioca.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro

RESUMO: Este artigo tem por objetivo compreender a construção do discurso de resistência, a partir do espaço periférico na narrativa do romance *Nosso Musseque*, de José Luandino Vieira dentro do contexto histórico de luta pela independência de Angola, iniciada em 1961, mesmo ano de escritura da obra. Nesse sentido, procuraremos identificar as características do discurso de resistência contra o colonial no referido romance, bem como compreender o papel do espaço físico e social e, finalmente, analisar os elementos advindos da oralidade.

Palavras-chave: Espaço. Discurso. Luandino Vieira. Literatura angolana.

RESUMEN: Este artículo tiene por objetivo comprender la construcción del discurso de resistencia, a partir del espacio periférico en la narrativa de el romance *Nuestro Musseque*, de José Luandino Vieira dentro del contexto histórico de lucha por la independencia de Angola, iniciada en 1961, mismo año de escritura de la obra. En ese sentido, buscaremos identificar las características del discurso de resistencia contra el colonial en la referida romance, así como comprender el papel del espacio físico y social y, finalmente, analizar los elementos provenientes de la oralidad.

Palabras-clave: Espacio; Discurso; Luandino Vieira; Literatura angoleña.

1 INTRODUÇÃO

Na tentativa de se compreender a trajetória do antes e da pós-independência em Angola, é que se procurou neste artigo, através da literatura de José Luandino Vieira, e mais especificamente da narrativa *Nosso musseque* vislumbrar um espaço em que, ao mesmo tempo, se combatia um discurso anticolonial e também a desconfiança de que num futuro próximo, após a independência, a armadilha do discurso neocolonial, sendo, este segundo, o principal foco do romance do escritor.

A obra de Luandino Vieira é exemplar, no que diz respeito, à projeção do percurso angolano – tanto denuncia os embates ao longo da luta de libertação, quanto alerta para os perigos do pós-independência.

Dessa forma, ao longo deste texto, situamos inicialmente os dados biográficos do autor; na sequência, o contexto histórico e político de Angola, para que possamos analisar alguns aspectos do espaço e do discurso construído pelo autor. Também recorreremos, para entender a tessitura de *Nosso Musseque*, ao recentemente editado e compilado, *Papeis da prisão*, texto enciclopédico do próprio autor, com notas, mapas e correspondências do período em que esteve no cárcere, que foi de grande ajuda na compreensão da formação do discurso de resistência de Luandino Vieira.

1.1 Do autor

Cabem inicialmente, neste estudo, alguns esclarecimentos sobre o percurso do autor. José Vieira Mateus da Graça, escritor angolano, nasceu no dia 04 de maio de 1935, em Portugal. Seus pais chamavam-se Joaquim Mateus da Graça Júnior, português, proveniente da Lagoa do Furadouro no Alto Ribatejo e, sua mãe, Maria Alice Vieira, angolana, agricultora. Entre 1937 e 1939 a família do futuro escritor parte para Luanda, onde iriam residir no “Ingombota, Maculusso e Quinaxixe e só em 1944 se instalam no Musseque do Braga, atuais bairros do Café e de Alvalade”. (RIBEIRO et al., 2015, p. 1011-1012).

Em meados da década de 1950 se põem a visitar a “Sociedade Cultural de Angola (S.C.A.), sociedade esta que, dia após dia, tornava-se, cada vez mais, um espaço de discussão de uma série de problemas como os literários, filosóficos, culturais e políticos.”. (2015, p. 1011-1012). Mais tarde, o literato passa a assinar suas obras como José Luandino Vieira,

sendo Luandino, uma homenagem à Luanda, capital de Angola. No dia 23 de julho de 1959, Luandino é detido, “pelo inspetor da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), Francisco Bartolomeu da Costa Lonrão, sob suspeita de ligação ao Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), se pronunciando, nesta ocasião, o juiz, por sua libertação”. (p. 1018). No dia 20 de novembro de 1961, o escritor foi novamente preso, como está relatado em **Papeis da prisão** (apontamentos, diários, correspondência 1961-1972):

José Luandino Vieira foi preso logo no início das lutas pela independência, primeiro ainda em 59 e, depois, em 1961, tendo sido acusado, de acordo com o artigo 141º, nº1, do Código Penal de 1961, de ser um elemento perigoso para a segurança externa e «intentar, por meio violento ou fraudulento, separar a Mãe-Pátria ou entregar a país estrangeiro todo ou parte do território português. » A condenação foi de 14 anos de prisão, sendo de 1961 a 1964 cumprida a pena em várias cadeias na cidade de Luanda. Em 1964, foi enviado para o Campo de Trabalho de Chão Bom, Tarrafal, Cabo Verde, onde permaneceu até 1972, sendo posteriormente transferido para Lisboa, em regime de residência fixa, até 1974. (p. 16-17)

Deve-se destacar que todo esse processo, na trajetória do escritor, foi consequência de uma vida engajada em defender aqueles que, a margem da sociedade angolana, no caso dos moradores dos musseques, que não tinham voz nem vez, tornando-se, assim, a literatura um canal de denúncias em relação aos abusos cometidos pela força colonial. Ou seja,

É, pois, neste ambiente de efervescência nacionalista, por um lado, e de clandestinidade, por outro, imposta pela falta de liberdade inerente a um regime ditatorial, que José Luandino Vieira cresce política e literariamente. Na verdade, o projeto literário e político de José Luandino Vieira já estava em marcha antes da prisão e, portanto, em situação de clandestinidade, como é visível na sua primeira novela, *Cidade de Infância*, e em *A Verdadeira Vida de Domingos Xavier*, escrito, nas palavras de José Luandino Vieira, em « liberdade vigiada », ou seja, em clandestinidade e já com a ideia de que nunca poderia ser publicado e de que deveria ser enviado para fora, como foi, para que, mais tarde, Mário Pinto de Andrade traduzisse a obra para a *Présence Africaine*. Posteriormente, em situação de prisão, o projeto político e literário vai-se adaptar às condições do cárcere e usufruir das vivências e experiências aí tidas, mas não muda substancialmente na sua essência política: adapta -se, desenvolve -se e, sobretudo, afirma-se definitivamente na literatura angolana e no cenário político. (RIBEIRO et al., 2015, p.16)

Definitivamente, percebe-se que o romancista não travava essa luta sozinho, pois o espírito libertário já contagiava os novos intelectuais que, sem se importarem com as consequências, levados pelo ímpeto juvenil, tornavam-se, cada vez mais, atuantes. Atuação esta que se manteve constante mesmo estando no cárcere, mas, cuja semente, já vinha de décadas anteriores, assim como as perseguições, como se pode verificar no seguinte trecho:

O que os unia afinal era a consciência de ser angolano e a necessidade de o afirmar num ambiente hostil à diferença altamente penalizador de quem a ousasse exprimir. Na sequência do chamado «Processo dos 50», em que muitos destes escritores, intelectuais ou políticos foram presos e condenados por as suas expressões colocarem em perigo a unidade da nação portuguesa entendida pelo regime como inseparável das suas colônias, segue-se uma onda de repressão pela Polícia Política estimulada não apenas por estes movimentos dissidentes internos, nativistas e nacionalistas, mas também pela pressão externa de que a ditadura portuguesa era alvo, nomeadamente por organismos internacionais, como a ONU. [...]. (RIBEIRO et al., 2015, p. 15-16)

Portanto, o que se esperava era que a escrita literária angolana fosse propagada no exterior, não só como forma de denúncia de atrocidades contra o povo angolano por conta do governo português, mas, também, para mostrar para o mundo que o povo não era passivo e, que, de uma forma ou de outra, eles iriam reagir. Ou, melhor dizendo, seja pelo viés da comunicação, como jornais, revistas e a própria literatura etc., seja com armas na mão, não baixar a cabeça não era uma alternativa e, sim, um posicionamento político.

1.2 Da obra

Foi neste contexto que Luandino escreveu a obra *Nosso musseque*, no pavilhão prisional da PIDE, em São Paulo, Luanda, entre os meses de Dezembro de 1961 e Abril de 1962. (VIEIRA, 2003, p.6). Nesse sentido, o literato busca representar o cotidiano de seus moradores, uma vida que ele bem compartilhou, da infância até a sua juventude, como se pode ler a seguir:

O romance apresenta uma narrativa consciente de que toda narração é, no fim das contas, constituída por recortes e por escolhas e, justamente por isso, será sempre parcial. O narrador de *Nosso musseque*, em primeira pessoa, conduz o foco narrativo para diferentes personagens com suas diferentes

impressões e pontos de vista (a obra é dividida em histórias, ao estilo popular dos *missosso* tradicionais angolanos: *Zeca Bunéu e outros*; *A verdade acerca do Zito*; *Carminzinha e eu*). Essas histórias vão sendo narradas a partir da pesquisa desse narrador acerca de sua infância no musseque, na década de 40. Dessa forma, a fragmentação resultante dos lapsos de memória, da falta de uma ordem cronológica linear, da consulta de fontes e, ainda, da pluralidade do foco narrativo que recai sobre alguns personagens, confere à narrativa uma noção lacunar e de incompletude. (RÜCKERT, 2015, p.7).

Sendo, reconhecidamente, a literatura de José Luandino Vieira, uma literatura de combate ao processo de repressão colonial, buscamos, assim, compreender como um discurso feito num espaço, aparentemente, fechado, ou seja, onde o governo lusitano não permitia encontros entre duas ou mais pessoas, tornou-se a voz de milhões de angolanos, transformando o musseque, bairro periférico de Luanda¹, num grande espaço de discussões políticas e sociais. Vale, ainda, lembrar que “Luandino foi membro do MPLA (Movimento para Libertação da Angola) que lutava contra o domínio português na então colônia e a favor da formação da República Popular de Angola”. [...]. (BENZAQUEN, 2008, p. 9). Assim, até a sua publicação, na edição aqui estudada de 2003, esta obra, *Nosso Musseque*, foi sendo modificada no que diz respeito ao seu título. Sendo assim, acreditamos que ela foi adequada ao contexto histórico do ano de sua escrita. Observemos a sua trajetória:

[...] Livro *Os meninos de musseque*. Contos: «Zeca Bunéu e outros», «A verdade acerca do Zito» e «Carminzinha e eu» // Em 1962 (01 de Julho) é publicado um fragmento com o título «Meninos de Muceque» (*sic*) no *Jornal de Angola* da Anangola e em 1963 (Jun.), com o título «Meninos de musseque», no *Mensagem: Boletim da Casa dos Estudantes do Império*, ANO XV, Nº 2: 21-28; 36. O romance foi inicialmente pensado para ser publicado em fascículos no *Jornal de Angola* da Anangola em 1962. Foi recuperado e corrigido, em 1963, com o título *Meu Musseque*, que posteriormente é editado e publicado, em 2003, como o título *Nosso Musseque* pela editora Caminho, Lisboa. (RIBEIRO et al., 2015, p. 1020).

¹ “Segundo Oscar Ribas, o nome *musseque* refere-se ao ‘terreno arenoso, mas agricultável, situado fora da orla marítima, em planície de altitude. De ‘mu’ (lugar) + ‘seke’(areia). Logo, região de areia’. O espaço do musseque é a principal zona de habitação da população de baixa renda de Luanda, e também em outras cidades maiores de Angola, como Benguela e Lobito. Para o leitor brasileiro, enforma as características de uma favela, sem saneamento básico e energia elétrica com ligações clandestinas. Ao longo do tempo, os musseques mudam-se conforme a especulação imobiliária, podem ocupar um espaço por quilômetros, mas também estar entre condomínios, entre prédios em pequenas brechas de espaço. Hoje, em Luanda, predominam inúmeros quilômetros quadrados de bairros onde a conformação é a de pequena casa com teto de zinco e paredes de bloco de cimento, ou ainda a parede caiada com a areia vermelha e sustentada por paus. Os materiais variam muito, de acordo com a localidade e disponibilidade.” (MURARO, 2012, p. 19)

Observa-se na trajetória do romance que o escritor vai excluindo temas específicos (*Os meninos de musseque*/Meninos de musseque) e o tema mais pessoal e/ou individual (*Meu Musseque*), passando, finalmente, a representar a coletividade, com, o agora, *Nosso musseque*, onde se propõe a descrever os anseios e desejos dos moradores do bairro de periferia de Luanda, onde viveu e conviveu sob os mais diversos problemas sociais, como a ausência de escola para as crianças e jovens, enxurradas que invadiam os barracos, e, claro também com os de ordem política, como a discriminação racial, em especial, pela polícia, pelos administradores coloniais. Esse processo de revisão do título só foi possível porque “as datas de publicação de suas obras não correspondem necessariamente à ordem em que foram escritas” (CHAVES, 1999, p. 159).

2 CONTEXTO HISTÓRICO

O romance angolano, especificamente, de Luandino Vieira, é municiado com fatos históricos ou, melhor dizendo, estórias que, segundo o autor, “a estória, em rigor, deve ser contra a história. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota. [...] mas encerrarão sempre história em sua estória” (2015, p. 978). Desse modo, deve-se ressaltar que:

Em Angola, a partir do final dos anos 40, princípio dos anos 50, vários movimentos urbanos, mais ou menos dispersos, que congregavam nacionalistas angolanos brancos, negros e mestiços e portugueses progressistas, em suma, cidadãos ligados a associações culturais e desportivas ou bairros de habitação específicos- como por exemplo, o Bairro Operário, Makulusu e alguns musseques de Luanda – começavam, através de várias formas, a inscrever, nas suas ações, nos seus textos, nas suas conversas e na expressão dos seus desejos a diferença cultural que a prazo iria reclamar a independência política. [...]. [...]. Eram textos que falavam de um mundo que ia para além do mundo colonial. Falavam de uma cidade mestiça, dos musseques e das suas gentes de trabalho e desenhavam um mapa da cidade que denunciava a desigualdade em que assentava a ordem colonial e lançavam no ar um movimento de esperança por uma nova ordem consentânea com a onda de libertação que se vivia no mundo pós-Segunda Guerra Mundial. (RIBEIRO & VECCHI, 2015, p. 15)

Nesse entendimento, pode-se constatar que era preciso, em especial, combater as forças coloniais, algo que só seria possível se, de fato, especificamente, no caso Angola, se todos estivessem unidos em prol de um objetivo comum, a independência do país. Sem pegar em armas, em particular, escritores como Luandino, Óscar Ribas, António Jacinto entre outros, seguiriam outra forma de combate, que seria por meio da literatura, uma vez que:

Luandino Vieira é de uma geração que assistiu ao final da segunda catástrofe, o início da guerra fria, os assombros da guerra colonial, participou das lutas de libertação nacional, viu Angola nascer independente e transitar para outras guerras. Sua literatura surge no interior de um mundo desarranjado, privado de liberdade e em processo de significativas transformações políticas e sociais. (MAQUÊA, 2008, p.1-2).

Sendo assim, não era apenas contra os colonizadores e suas práticas subversivas pelo controle de Angola. Era preciso ficar alerta, agora, com os que, se autodenominavam representantes do povo angolano, como os Líderes do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA-1956) e os da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA- 1966), mas, que, na verdade:

[...]. Não se destacavam pelas suas proezas, pela sua unidade de luta, pela sua liderança, ou pela qualidade das suas guerrilhas. As desavenças entre os partidos nacionalistas africanos intensificavam-se, em alguns casos, a um ponto tal que os dois principais movimentos pareciam gastar mais tempo opondo-se um ao outro do que lutar contra os portugueses no campo de batalha. [...]. (PELISSIER & WHEELER, 2009, p. 285-286)

Uma luta que deveria se concentrar na expulsão dos portugueses do território angolano, antes, se tornou um conflito interno, levando o povo, a ser manipulado pelos seus líderes, a se digladiarem entre si. Não é à toa que Luandino escreve nas anotações da prisão, em 1967, que “todos os povos ao acabarem a s/ libertação deviam fuzilar os líderes» – têm todos as mãos muito sujas, muito comprometidas”. [...]. (2015, p. 838). Não estamos, aqui, concordando ou discordando do autor, mas, procurando entender o ato de revolta que se instalara contra pessoas que, não sendo os colonizadores, mais uma vez, buscavam conquistar Angola para benefício próprio.

3 ESPAÇO E DISCURSO NA LITERATURA ANGOLANA

Nesta perspectiva de enriquecimento deste trabalho procura-se discutir o papel do espaço na construção do discurso no romance *Nosso musseque*, de Luandino Vieira, partindo das colocações de Antonio Dimas, em que o estudioso afirma que:

Entre as várias armadilhas virtuais do texto, o espaço pode alcançar um estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como o foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc. é bem verdade que, reconhecemos logo, em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser proprietário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. (1994, p. 5-6).

Dimas enfatiza, assim, o quão o espaço pode ser determinante num romance e, que, cabe ao crítico-leitor desvendar e/ou preencher as suas possíveis lacunas. Nesse processo de apropriação da teoria, vale ressaltar que o estudioso faz distinção entre espaço e ambientação, o que nos traz luz à narrativa de Luandino. Segundo ele:

[...] não se deve confundir espaço com ambientação, para efeitos de análise, exige-se do leitor perspicácia e familiaridade com a literatura para que o espaço puro e simples (o quarto, a sala, a rua, o barzinho, a, o armário etc.) seja entrevisto em um quadro de significados mais complexos, participantes estes da ambientação. Em outras palavras ainda: o espaço é denotativo e a ambientação é conotativa. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. O primeiro contém dados de realidade que, numa instância superior, podem alcançar uma dimensão simbólica. (1994, p. 20).

Neste sentido, busca-se, dentro do espaço, identificar essas dimensões simbólicas no jogo de palavras e de relações entre as personagens do musseque, o que, possivelmente nos fará desvendar a constituição do discurso de resistência proveniente destes bairros, dentro da obra do escritor Luandino Vieira, *Nosso musseque*.

Nesta concepção, o referido romance de Luandino, nos faz pensar o quanto o musseque representa a sua luta e a luta do povo angolano, uma vez que se presume que a experiência de vida do autor reflita na construção de sua obra, numa tentativa de representar a realidade.

Entretanto, na ficção, não se deve confundir o autor com o narrador e/ou personagens. Contudo, não se pode excluir deste, a sua experiência de vida, uma vez que “em se tratando de literatura, todos os espaços representados na obra serão ficcionais por mais fiéis à realidade que sejam, no entanto, tomando a realidade por parâmetro” (BORGES FILHO, 2008). Assim sendo, fica claro que, a obra *Nosso musseque*, de Luandino, por mais que se esforçasse o escritor, buscou representar, o flagelo dos moradores dos bairros ao redor de Luanda, o mais real possível, uma vez que, através dos personagens, o romance se tornaria uma das vozes luandense. Nesse sentido, o discurso provem de um espaço que, a todo o momento, se modifica, não só por forças internas, no caso dos moradores dos musseques que iam se adaptando conforme as necessidades de cada um dos seus moradores, como por forças externas, a perseguição das forças colonizadoras dentro dos musseques. Assim, “do ponto de vista do conteúdo, tematiza-se a conspiração, do ponto de vista da forma, a linguagem narrativa incorpora desabridamente as voltas da oralidade” (CHAVES, 1999, p. 204).

Nesta concepção, nem o espaço e nem o discurso podem ignorar aqueles que os constrói. Antes, estão sujeitos, na narrativa, a experiência e, conseqüentemente a visão de mundo do escritor que, por sua vez, não pode ignorar o povo com quem conviveu, no caso de Luandino, com sua língua e cultura, cultivados na interação coletiva. Dessa forma,

podemos acompanhar o processo de integração de cada um na luta, seja pelo relato, seja pelo depoimento. Esse foco nos vários processos de desalienação faz lembrar a metodologia utilizada por alguns movimentos de libertação denominado ‘narração de sofrimentos’. No quadro da Frente de Libertação de Moçambique, a cerimônia assumia a importância de um ritual de passagem. [...] / Muito embora esse tipo de procedimento não fizesse parte da prática do MPLA, o sentido de comunhão que se inscrevia como um dos objetivos da cerimônia para fazer frente à dominação era perseguido por todos os movimentos de libertação. Era importante criar em todos a consciência de que o sofrimento não era uma experiência individual, mas uma vivência coletiva, que ultrapassava as fronteiras da etnia, da raça e da região. Por isso, no discurso do guerrilheiro de Luandino, se a existência da ligação ancestral é um fato e se marca pela consideração dos ‘entespassados’, ‘o quissoco’² é dado pela participação na guerra anticolonial. É desse pacto que nasce o país que os transforma em irmãos, vinculando-os a uma identidade construída por eles mesmos, cujo processo será contado, transformando o fato em memória. (CHAVES *apud* VEIGA, 2015, p. 474).

² Irmandade, termo utilizado como “quissoco de guerra” para referir-se à camaradagem entre os que estavam unidos pela libertação.

Portanto, é nesse resgate do modo de vida dos angolanos, em particular, dos musseques, que o escritor constrói um discurso de unidade, de sentimento nacional, buscando nas origens, uma reflexão acerca dos interesses comunitários, não mais regidos pelo colonizador, mas, agora, por eles mesmos. É preciso reinventar uma nação unida em prol do bem comum, num espaço que caibam todos e, num discurso que, definitivamente, os represente, cada cidadão angolano, sem exceção.

4 ANÁLISE DO ROMANCE

Como não poderia ser diferente, começaremos a nossa análise pelo título do romance *Nosso musseque*. Sabe-se que, nos anos que se deu sua escrita (1961-1962), Luandino já se encontrava sob a custódia do governo português, por se posicionar a favor de uma Angola livre. É sabido, também, que, o discurso por ele proferido era voltado, exclusivamente, contra o colonizador e suas práticas de exploração do território e do povo angolano. Ou seja, um discurso que reivindicava um espaço pra quem era de direito. No entanto, líderes de movimentos que lutavam pela independência de Angola, como (MPLA), a (UNITA), dentre tantos outros, disputavam entre si, o controle do país pós-independência, chegando ao ponto de angolanos lutarem contra angolanos, reproduzindo, assim, muito do discurso e da prática colonial.

Nesse sentido, com título *Nosso musseque*, Luandino Vieira propõe, em especial aos líderes, dos, já referidos movimentos, a revisitar, através da memória, as suas origens, como uma forma de lembrá-los que, a Angola que eles tanto lutaram e continuam lutando pela sua independência, não pertence ao grupo x ou y, mas pertence a todos e, portanto, é nossa. Esse “Nosso” não permite divisão, egoísmos, representa, antes, comunhão, solidariedade, compartilhamento das riquezas de Angola pelos angolanos. As discussões, assim como nos musseques, sempre vão existir, mas, que:

E, com o tempo assim a passar, fugiam as zangas como fumo; sá Domingas e Bento Abano começaram outra vez a falar com seus vizinhos brancos, vizinhança de pessoa pobre não pode continuar zangada, é verdade mesmo. Durante muitos meses o musseque arranjou uma calma de todos os dias, só

estragada, às vezes, pelas partidas dos miúdos, confusões que arranjavam e outras histórias da vida. (VIEIRA, 2003, p.8).

Observa-se, assim, que o diálogo não é uma alternativa, mas o caminho para uma convivência amigável e solidária, para que, dessa forma, se possa construir um futuro sem conflitos. O escritor faz lembrar o quanto é, naquele dado momento, violento o colonizador para com os que os confrontavam, sobre tudo, nos musseques, na calada da noite, como no seguinte trecho:

[...]. Mas só à noite, meia-noite já passava, é que toda a gente começou ouvir as macas, barulho de mobília arrastando, vozes falando alto, às vezes os gritos de sá Domingas e o choro de Carmindinha, Tunica e Xoxombo na porta berrando pareciam era cabritos. Não tinha lua, não tinha luz no musseque, só os candeeiros de petróleo e as lâmpadas de azeite-palma começaram piscar dentro das casas. (2003, p.9).

Dessa forma, o literato vai encaixando, na narrativa, fatos históricos ocorridos nos musseques, como invasões inesperadas aos barracos de tela zinco, a procura de pessoas que defendiam a política de uma nação livre. Nesse entendimento, os revolucionários deveriam, internamente e, para com o seu próprio povo, evitar, a todo custo, reproduzir essa prática. Pegar para si, aquilo que pertence a todos, não os tornaria melhor que os portugueses, seus algozes insaciáveis. Na passagem a seguir, Luandino narra, justamente, a ação colonial de invasão e posse, na passagem que o pai do Nanito, Sô Luis, sem considerar os que lá já estavam.

Quando o pai do Nanito chegou para morar ali no musseque, a casa de pau-a-pique que alugou não tinha quintal mas, atrás, tinha muitas árvores, goiabeiras, mangueiras e até mamoeiros, onde os meninos brincavam. Era uma casa grande, de três quartos, coberta de zinco novo, do mesmo feitio de todas que cresciam por ali, duas janelas e uma porta na frente, duas janelas e uma porta para trás e ficava mesmo perto de don'Ana e da mãe do Zito. Nesse dia que apareceu, era sábado de tarde, toda a gente ficou a espreitar a velha carrinha da PSP com os dois cipaios³ carregando as cadeiras e a mobília. Não era gente de esteira e cadeira de bordão, via-se logo. Sô Luís, polícia, não adiantou falar para ninguém, passou muito esticado, farda de caqui bem engomada, dando berros nos cipaios, ameaçando com o chicote cavalmarinho⁴ que usava. Quem lhe visse e não lhe conhecesse, pensava logo era um chefe. (p.17).

³ Ramificação da Polícia, instaurada pela PIDE, cujos guardas recebiam também o nome de “cipaios”, tendo a função de trabalho na repressão física e política da população. Cipaios eram recrutados geralmente entre a população local para este tipo de ação, descrita na passagem.

⁴ Benguela feita de pele de hipopótamo.

Vale salientar, portanto, que, além de construir uma Angola que não discriminasse as diversas etnias, com suas línguas e/ou dialetos, com suas múltiplas tradições, deveria, também, se ter orgulho de suas origens que, na diversidade, o propósito afinal seria a unidade nacional. Com a colonização chegaram os brancos, que, ao longo do tempo, foram se misturando, tendo filhos mestiços da mesma cor, mas com um espírito nacional quanto qualquer outro nativo de Angola como é o caso de Luandino. A discriminação racial, para um futuro país livre deveria, a todo custo, ser combatida e, que todos deveriam se auto-afirmar como o personagem Xoxombo, que não nega suas raízes.

O meu nome é Xoxombo. Só na escola é que eu digo o meu nome todo, quando a professora pergunta. E digo também que nasci da minha mãe, senhora Domingas João, negra, a sô pessora diz que isso não precisa dizer, e do meu pai, senhor capitão Bento de Jesus Abano, mulato, a sô pessora também quer que eu diga misto, mas é como eu gosto dizer. Nasci na Ingombota, ando na terceira e tenho nove anos. A sô pessora é boa mas eu não gosto dela. Quando os meninos começam-me fazer pouco chamando Xoxombo-macaco e outras coisas, ela aparece sempre mas eu não gosto. Diz eu sou coitadinho não tenho culpa de ser assim escuro e que a minha alma é igual me agarra e quer ser como mamãe, mas eu não gosto dela porque naquele dia levei minha mandioca cozida para o lanche e o Antoninho, o filho do sô Antunes da quitanda, estava comer o pão dele com a manteiga e começou-me fazer pouco. A sô pessora puxou-lhe nas orelhas, lhe tirou o pão, deitou fora minha mandioca e me deu-me o pão dele. Mas eu não aceitei e chorei. Eu queria mesmo era minha mandioca, minha mãe tinha-me dado para o lanche. (p.22).

O discurso de Xoxombo é de autoafirmação, não só de raça, biológica, filho de uma negra com um mulato, mas, também, de espaço, nascido no musseque de Ingombota. Percebe-se, ainda, a valorização, pelo menino das riquezas da terra, a mandioca que sua mãe tinha preparado para o seu lanche. Nesse sentido, o escritor preocupa-se em mostrar aquilo que Angola tem melhor, o que deveriam ser todos e, não, de uma minoria, como, por tantos séculos, fez o regime colonial.

Nesse entendimento, podemos tomar como exemplo, outra passagem em que Luandino leva-nos ao costume popular de contar estórias, transformando a narrativa europeia em perspectiva de realidade angolana, conforme lê-se a seguir:

Mais curiosa, sá Domingas falou para don'Ana deixar o Zeca contar. O Xoxombo desatou a rir, Tunica e Carmindinha fizeram-lhe pouco, mas ele começou na mesma. E contou que era uma vez uma rapariga que foi com a quinda⁵ dela cheia de mandiocas, batata-doce e galinhas para oferecer na avó

⁵ Cesto.

que morava na mata. Aí, no caminho, apareceu o senhor Onça e começou-lhe falar...

[...]. Essa história não é assim, a professora adiantou contar lá na escola. Nome dela é o Capuchinho Vermelho, eu sei mesmo...

Mas nem assim ficou derrotado, não senhor. Virou para don'Ana, pôs cara séria e falou com muito jeito:

— Ai don'Ana! Se eu contasse a história com a menina do chapéu vermelho ser comida no lobo, ninguém que percebia, não é? Na nossa terra tem menina assim? E tem lobo na mata? Ora pópilas⁶, tem mas é onça! É por isso eu conto assim... (p.23-24).

Assim sendo, não há como reverter os efeitos da colonização, mas, também, não como rejeitar o que a terra tem, o que o povo tem e, tão pouco, ignorar o outro, como se espaço fosse uma exclusividade de poucos. Muitas estórias não são mais as mesmas, No entanto, não significa que elas não continuam existindo, fazendo parte de uma tradição, que tem por objetivo, repassar aos mais jovens o conhecimento, a sabedoria dos mais velhos. Luandino, assim se comporta, como um griot, que faz cada líder revisitar a sua infância tão viva na memória de cada um, mas, que, por motivos egoístas, por desejo de poder e de riqueza se esqueceram de quem eram. Era preciso, enfim, buscar:

Uma paz que vinha de tempos antigos, que nem eu nem os outros miúdos do musseque lembrávamos, mas as mães e os homens, nas portas, à noite, conversavam agora, manteve amigas e vizinhas aquelas famílias, mesmo com as conversas e confusões e as zangas e as pazes que, às vezes, pareciam estragar a vida, mas que eram afinal essa paz de longa vizinhança e amizade... (p.35).

Disto isso, “a ausência da “sabedoria” não o impede, todavia, de sonhar com ela, de aspirar à recuperação de uma dada inteireza que no romance em foco está associada ao tempo da infância” (CHAVES, 1999, p. 181). O romancista se propõe, assim, através da memória, a memória de sua infância, recriar um novo musseque, uma nova Angola, mais socialmente justa, a partir do velho espaço, degradado e mutilado pelas forças coloniais. O discurso não comporta mais o eu, o meu e/ou de algum grupo em particular, ele se predispõe a reinventar-se, simultaneamente, com a “nosso”, colocando a população que habitava os musseques como protagonistas de suas estórias.

⁶ Interjeição, com sentido de admiração.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificou-se, assim, ao longo deste trabalho que, Luandino Vieira, como um bom combatente intelectual que foi e, que, continua sendo, utilizou-se de um espaço comum a todos (o musseque), para se construir um discurso anticolonial e, mais do que isso, para se evitar, na medida do possível, uma reprodução, por parte dos líderes revolucionários angolanos, uma prática neocolonial.

Com esse propósito, ele recorreu à lembranças de sua infância nos bairros periféricos, como uma forma de representação coletiva, lembrando aos que estavam prestes a assumir o poder no pós-independência de Angola, que o novo país nascera de sonho em comum, que as raízes (discursos) podem surgir de todos os lados, mas, que, elas alimentarão uma única árvore, Angola.

Portanto, nada mais simbólico do que os dizeres, o cantarolar das palavras no dia-a-dia, ou seja, usar da oralidade no romance *Nosso Musseque*, para se fazer entender que, mesmo não estando todos na mesma linha frente, isso não significa de que não existiram outras, que dispararam tanto quanto, num único tom de liberdade.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura História Política**. São Paulo: Ática, 1989.

BENZAQUEN, Júlia Figueiredo. As vozes-saberes do musseque do mundo. Ampliar a audição através de uma leitura de Luandino Vieira. In. **E-Cadernos**, Centro de Estudos Sociais, Coimbra, n. 2, 2008. Disponível em: <https://eces.revues.org/1291>, acesso em 19 de março de 2017.

BORGES FILHO, Ozíris. Espaço e literatura: introdução à toponálise. In. **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC**. Tessituras, Interações, Convergências, 13 a 17 de julho de 2008, USP, São Paulo.

CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**. São Paulo: Via Atlântica, 1999.

DIMAS, Antônio. **Espaço e discurso**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

EVERDOSA, Carlos. **Roteiro da Literatura Angolana**. Luanda: UEA, 1977.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas pós- coloniais**: estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura**. São Paulo: Unesp, 2008.

MAQUÊA, Vera. A cidade e a infância: os da minha rua - apontamentos sobre Luandino Vieira e Ondjaki. In. **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC, Tessituras, Interações, Convergências**, 13 a 17 de julho de 2008, USP, São Paulo.

MAZRUL, Alí A et al. **História geral da África**. Volume VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.

MURARO, Andrea Cristina. **Luanda: entre camaradas e mujimbos**. Tese de doutorado em Letras, FFLCH/USP, São Paulo, 2012.

NASCIMENTO, Washington Santo. **Entre assimilados, mulheres e homens do mato: a busca pelo sujeito nacional em Luandino Vieira**. In. **História: Questões & Debates**, Curitiba, volume 64, n.1, p. 277-298, jan./jun. 2016.

PADILHA, Laura. **Entre a voz e a letra**. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUFF, 2007.

PELISSIER, Rene e WHEELER, Douglas. **História de Angola**. Lisboa: Tinta da China, 2009.

RUCKERT, Gustavo Henrique. **Entre pós-colonialismos**. Tese de doutorado em Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

SILVA, Maurício. A tradição da transgressão: língua portuguesa e identidade cultural em Luandino Vieira. In. **Revista SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, 1 sem. 2007, p.167-176.

VEIGA, Luiz Maria. **De armas na mão: personagens-guerrilheiros em romances de Antonio Callado, Pepetela e Luandino vieira**. Tese de Doutorado em Letras - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

VIEIRA, José Luandino. **Nosso musseque**. Lisboa: Caminho, 2003.

_____. **João Vêncio: os seus amores**. União dos escritores angolanos, Nzila: Luanda, 2004.

_____. **Luuanda**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. **O livro dos guerrilheiros de rios velhos e guerrilheiros II**. Luanda: Nzila, 2009.

_____. **Papéis da Prisão – apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)**. (Org.)

RIBEIRO et al. Lisboa: Caminho, 2015.